



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS VI
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

CAETITÉ

LÂNDIA VILASBOAS MEIRA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos.

CAETITÉ

2022

LÂNDIA VILASBOAS MEIRA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado em 23/08/2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
(Orientador)

Prof.^a M^a Maria Carolina Santos Carvalho

Rede Particular de Ensino / UFBA / GP-CRELL
Examinadora

Prof.^a Esp. Lucélia Magalhães

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me concedido a honra de sonhar com esse momento e agora de poder realizá-lo, cada obstáculo enfrentado durante esse percurso de 4 que se transformou em 6 anos não me desanimou, pois eu sabia a todo momento que Ele era minha força e coragem, como dito em Josué 1:9 “seja forte e corajoso” e assim eu o fiz.

Agradeço aos meus pais e irmão, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, em especial a minha mãe que nunca mediu esforços para realizar meus desejos mais bobos, transformando meus sonhos nos dela.

Agradeço aos meus amigos em geral, vocês desempenharam um papel significativo no meu crescimento e devem ser recompensados com minha eterna gratidão. A todas as minhas colegas de turma o meu muito obrigada, em especial a Camila, Hermony, Joyce e Iasmine, o companheirismo e incentivo de vocês fez total diferença em minha jornada fazendo com que nossa amizade transcendesse os espaços físicos da UNEB.

Quero externar também minha gratidão a Universidade, funcionários e professores que contribuíram para com minha formação, especificamente ao meu estimado orientador Tupi, pela paciência, confiança e todo suporte no decorrer das orientações.

Em geral a todos que contribuíram direta e indiretamente com meu processo, enriquecendo meu crescimento pessoal e profissional.

MEIRA, Lândia Vilasboas. **As histórias em quadrinhos e suas contribuições para a formação do leitor**. 2022. 36 f. TCC: Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas. Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Caetité, 2022.

RESUMO: Os quadrinhos têm grande uso para fins de entretenimento e, por participarem do cotidiano de crianças desde muito pequenas, podem ser o principal incentivo para a entrada no universo da literatura, despertando o interesse de novos leitores. Ainda sobre incentivo à leitura, é interessante destacar que a presença das HQs nas escolas é imprescindível, pois é inegável o benefício de seu uso como um recurso pedagógico. A junção de imagem e texto produz a interação com a narrativa nos diversos contextos comunicativos. Assim, usadas em atividades didáticas práticas, as HQ promovem a solução de problemas e permitem a familiarização com as estruturas linguísticas, ou seja, com a modalidade oral e escrita, com o texto formal e informal e toda sua estrutura gráfica.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Leitura. formação do leitor.

MEIRA, Lândia Vilasboas. **Comics and their contributions to reader training**. 2021. 36 p. Final Composition: Graduation Teacher's Training Course – Portuguese Language and its Literatures. Humanities Department, Bahia State University, Caetité, 2021.

ABSTRACT: Widely used for entertainment purposes and, as they participate in the daily lives of children from a very young age, comics can be the main incentive for entering the universe of literature, arousing the interest of new readers. Still on encouraging reading, it is interesting to note that the presence of comics in schools is essential, as the benefit of their use as a pedagogical resource is undeniable. The junction of image and text produces interaction with the narrative in different communicative contexts. Thus, used in practical didactic activities, comics promote problem solving and allow familiarization with linguistic structures, that is, with the oral and written modality, with the formal and informal text and all its graphic structure.

Keywords: Comics. Reading. reader training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1. Leitura e formação leitora sob diferentes perspectivas	11
2.2. Histórias em quadrinhos.....	18
2.2.1 Inserção das HQs na educação e suas contribuições para a formação leitora	23
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35

REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que as histórias em quadrinhos, doravante HQs, contribuem significativamente para a formação leitora de crianças e jovens, levando em consideração o fato de que, muito se discute sobre a leitura como ferramenta de ampliação da comunicação humana, por meio do estímulo ao pensamento e linguagem, capaz de provocar prazer e fugacidade das situações reais vivenciadas no cotidiano.

Considera-se que ler é uma atividade que aprendemos aos poucos, não se dá da noite para o dia, a constituição de um leitor acontece com o tempo, a partir das diferenciadas práticas de leitura propiciadas por textos das mais variadas finalidades no dia-a-dia. É o ato de ler que possibilita a interação humana por meio da palavra escrita, é um processo que exige do leitor sua capacidade de atribuir sentido ao que foi lido. Para atribuir sentido a leitura é necessário entender que o ato de ler não se limita somente a palavra escrita, ler envolve elaborar e interpretar muito mais que a palavra

O gênero textual possui grande relevância no que se refere ao estímulo do hábito de ler. As histórias em quadrinhos são vistas atualmente por profissionais da área da educação como um importante recurso pedagógico para ser utilizado durante as aulas. São consideradas ferramentas relevantes para o processo de formação leitora, devido ao seu significativo incentivo ao hábito de ler. A diversidade dos temas apresentados nas histórias e sua linguagem de fácil compreensão, atrelando o texto verbal e não verbal explora a relação palavra-imagem e conseqüentemente torna-se mais atrativo para os leitores. As histórias em quadrinhos consistem em um gênero textual que é lido por crianças e adultos e representam, indubitavelmente, uma forma de leitura popular amplamente difundida no mundo.

Assim, o presente trabalho parte da investigação do questionamento de como se deu o processo de inserção das histórias em quadrinhos na sala de aula e quais suas contribuições para a formação leitora infanto-juvenil, para a partir daí, analisar o processo da formação do leitor através do uso de HQs.

Com isso, propõe-se a conceituar leitura e formação leitora através do embasamento teórico sustentado pelos autores utilizados na pesquisa, de modo que fique clara a grande relevância do ato de ler para todas as pessoas de modo geral e o quanto o processo de formação leitora influi no gosto por tal hábito. Conceitua-se também histórias em quadrinhos, objetivando compreender como se deu sua inserção na educação, visando as suas contribuições para a formação leitora, com o intuito de analisar o processo da formação do leitor através da utilização das HQs.

O interesse em desenvolver a referida pesquisa partiu da observação das diversas formas de leituras e assim perceber que as histórias em quadrinhos, que sempre fizeram parte da infância das pessoas, não aparecem com tanta frequência como contribuinte na formação leitora, sendo às vezes até banalizada, tida como uma leitura simplória, por mero lazer. O presente trabalho também se justifica socialmente na possível utilização de HQs como ferramenta de incentivo ao hábito de ler, por meio de uma leitura prazerosa. Academicamente justifica-se pela pretensão de contribuir com as pesquisas que abordam os gêneros textuais, em especial, as HQs, pouco exploradas corretamente em sala de aula.

Quanto a metodologia adotada, sabemos que esta conceitua-se como “o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p.11) ainda de acordo com os autores, a metodologia “compreende basicamente um conjunto de dados iniciais e um sistema de operações ordenadas adequado para a formulação de conclusões, de acordo com certos objetivos predeterminados” sendo assim, o trabalho em questão consiste em uma pesquisa qualitativa, “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Idem, p.32). Ainda reforçam que “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos” (Idem, loc. cit.)

Quanto aos procedimentos, a pesquisa se caracteriza inicialmente por seu cunho bibliográfico, já que há uma situação em questão a ser analisada

visando sua compreensão, inicialmente a partir do levantamento de dados e referências teóricas já analisadas e publicadas por meio de veículos escritos e eletrônicos, como livros, artigos de caráter científicos, páginas de web sites.

Em sequência, transforma-se adquire caráter de pesquisa de campo e aplicada, posto que coleta dados através de um questionário aplicado entre professores atuantes no Ensino Fundamental e Médio, com o intuito de promover uma sondagem a respeito do objeto de pesquisa em questão. Além disso, apresenta objetivos e procedimentos característicos da pesquisa exploratória e explicativa, tendo em vista que esse tipo de procedimento busca proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Leitura e formação leitora sob diferentes perspectivas

Sabe-se que a leitura é uma ferramenta imprescindível para a ampliação da comunicação humana, pois, vitaliza o pensamento e a linguagem, por lhe oferecer a condição de expressão do seu interior através da ação comunicativa, além da constituição psíquica e afetiva do leitor, podendo também ser para alguns, sinônimo de simultânea fugacidade das situações corriqueiras presentes na sociedade contemporânea. Pela perspectiva de Silva:

A leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social (SILVA, 2011, p. 23).

Para atribuir sentido à leitura, é necessário entender que ela não se limita somente a palavra escrita, ler envolve elaborar e interpretar muito mais que a palavra, bem mais importante que a leitura dela é a leitura de mundo, pois esta, nos permite compreender todo o contexto que nos envolve além de ampliar nosso conhecimento. A palavra só ganha sentido verdadeiramente a partir da ação do leitor sobre ela. Assim, ambos se completam de modo que o leitor deve contribuir com o texto e vice-versa. Ler é um ato complexo no qual se dá ao leitor a possibilidade de inscrever em si o texto, tornando-se seu interlocutor; portanto, a leitura não pode ser definida como um simples processo de decodificação do texto impresso. Vale ressaltar que, frequentemente, ao discutirmos sobre leitura, ela é equivocadamente associada à literatura. Ler implica atribuir sentido a qualquer objeto de cunho textual ou não: uma receita culinária, uma página jornalística, um manual de instruções de um eletrodoméstico, um texto acadêmico, uma paisagem, uma equação matemática etc. Atualmente não é possível discutir a leitura fazendo referência apenas a textos verbais, tampouco aos literários, sendo necessário levar em consideração e refletir acerca das relações homem/mundo.

É o ato de ler que possibilita a interação humana por meio da palavra escrita, é um processo que exige do leitor sua capacidade de atribuir sentido ao

que foi lido. “Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno” (YUNES, 1995, p. 186)

A leitura possibilita a compreensão do conhecimento, pois, por meio dela, entendemos as dimensões do “estar no mundo” para a condição do que é “ser no mundo”; temos discernimento suficiente para interpretar, interagir ou até mesmo modificar nosso contexto e meio social graças à compreensão das relações humanas. Ler nos afugenta da alienação e nos faz sujeitos autônomos, com liberdade de pensamento e condições para agir com plena consciência de nosso lugar na sociedade, pois, de acordo com Pina (2012, p. 215), a leitura é “instrumento de formação de sujeitos críticos, capazes de refletir, sob óticas múltiplas, acerca do mundo em que vivem e que constroem em seu cotidiano, interpretando-o”. Portanto, devemos considerar que, antes de tudo, é preciso ler para a vida, ler para reinventar o mundo e a nós mesmos, pois, para Yunes, ler é significar e ao mesmo tempo tornar-se significante, a leitura é uma escrita de si mesmo sempre em interação com o mundo.

Não há neutralidade no ato da leitura, ou leitor que saia ileso de um texto, é preciso entender que ler é transformar e transformar-se através da contínua reconstrução de si próprio como sujeito e de mundo, através da ressignificação. E há quem afirme que o espaço da leitura equivale a um espaço de poder “a leitura não é pratica neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder” (ABREU, apud PINA 2012, p. 220). Assim como a escrita, a leitura foi por muito tempo utilizada na sociedade como instrumento opressor, principalmente do letrado sobre o ignorante, já que a cultura letrada sempre foi mais acessível a pessoas pertencentes à elite. De acordo com Bastos (2012, p. 172), “a leitura é um direito de todos, mas, de fato, propriedade apenas das pessoas com poder aquisitivo”.

Considera-se que ler é uma atividade que aprendemos aos poucos, não se dá da noite para o dia, a constituição de um leitor acontece com o tempo, a partir das diferenciadas práticas de leitura vivenciadas no cotidiano.

Pouco se discute sobre o papel do leitor e sua relação com o texto, de modo que ao falar de leitura é impossível não apontar a trilogia autor-texto-leitor. Estas, são categorias indissolúveis no contexto da leitura e escrita,

entretanto, na prática no decorrer das discussões acerca da leitura, sobretudo as literárias, se sobressai apenas uma das referidas categorias como foco principal embora as demais também necessitem de reflexão. Nas últimas décadas do sec. XX o leitor tornou-se objeto de preocupação: “Somente a partir dos anos 1960, assim que as abordagens estruturalistas começam a se desgastar, o leitor deixa de ser “coadjuvante” na relação autor-texto e leitor passa a ser ‘protagonista’ dos estudos sobre leitura na Europa”. (BASTOS, 2012, p. 178)

O leitor a partir daí assume papel relevante, pois, o pensamento voltou-se não apenas para o emissor da mensagem (o autor) e o receptor passa a assumir a significativa função de protagonista do texto, sua sensibilidade é aguçada pondo em jogo sua capacidade de entendimento, percepção, intuição e, sobretudo, imaginação para conseqüentemente atribuir significado/sentido ao texto, ao agregar seu ponto de vista ao do autor, levando em consideração suas vivências pessoais e conhecimento de mundo, como aponta Bastos, “Se por um lado, ao escrever, descortina ao leitor um mundo; por outro, o leitor, ao se apropriar da escrita do outro, tem com relação a ela uma responsabilidade imanente, embora livre, para colaborar com o seu desvendamento” (BASTOS, 2012, p. 181) A leitura não pode em hipótese alguma ser configurada como a genuína repetição do que disse ou quis dizer o autor, se faz necessário que haja um diálogo entre os três: autor, texto e leitor. Há uma leitura do autor e outra do leitor, de modo que ambos não devem se afastar do contexto principal do texto, muito menos se desligarem. O texto tem o papel fundamental de instigar o leitor, para que ele, através da provocação se coloque a pensar e leve o texto adiante, pois, o ato de ler não deve se esgotar ao fim da leitura.

Há algumas questões pertinentes a essa relação autor-leitor que não podem ser desconsideradas, deve-se levar em conta que ambos muitas vezes pertencem a realidades distintas, épocas diferentes e cada um tem seu modo particular de pensar. Com consciência ou não o autor fala direta ou indiretamente para um sujeito que ocupa espaço/tempo determinado e que se relaciona social e politicamente com diversas outras pessoas, que possui determinada carga de vivências que interferem na interpretação pessoal de cada um. Pode-se afirmar que a interpretação de uma obra varia de acordo com o leitor e época/contexto de sua leitura.

Levando em conta o fato de que a leitura é possível em qualquer lugar ou situação, desde as mais simples as mais complexas, são diversos espaços e variados gêneros textuais, além de infinitas opções no mercado editorial. O trajeto de construção de um leitor se inicia em casa, ainda na fase da infância que é quando somos alfabetizados, e se estende na escola:

Procuro recordar-me da minha própria história de leitora em formação, para dizer que ninguém nasce leitor acabado, como se houvesse na programação genética algo determinado. A leitura é uma prática cultural que se adquire e enriquece na interação com outros e com o mundo. O que posso reconstruir hoje da minha descoberta da leitura como divisor de águas na vida, vem da infância (YUNES, 2012, p.366)

É inegável que a família possui papel importantíssimo na construção de um leitor dentre tantos outros mediadores no incentivo ao gosto pela leitura, podemos afirmar que a maior contribuição provém do ambiente afetivo. Inicialmente é importante destacar que o primeiro contato de um leitor com leituras nesse contexto, se dá via oral, por meio de narrativas. Logo, associamos tal fato a infância, quando alguém da família a quem a criança geralmente sente afeto, muitas vezes os pais ou avós, mantêm o hábito de contar histórias antes de dormir. Durante essa contação são criados laços entre o ato de ouvir e ler, devido ao prazer e fascínio que é capaz de provocar. A oralidade nesse sentido exige certa proximidade que resulta em trocas de olhares e toques fortalecendo a intimidade, cumplicidade e confiança, pois como discorre Yunes a respeito dessa relação “a memória que se acalentava era a do estar junto, de trocar perguntas e respostas, de deixar o coração falar e fazer confidencias (des)temidas, por conta da confiança recíproca que se estabelecia” (YUNES, 2009, p.75)

Sob essa perspectiva atmosférica de carinho e amor as melhores lembranças de um leitor sem dúvidas serão de suas primeiras histórias, não as lidas, mas sim as ouvidas ao longo de sua infância, essas, com certeza ficarão sempre guardadas em sua memória e ao se lembrar de leitura frequentemente a associará a algo bom e acolhedor.

A escola muitas vezes é reconhecida perante a sociedade como um dos ou o principal agente responsável pelo desenvolvimento das competências que envolvem o processo de formação leitora de crianças e jovens, o órgão

equivocadamente é por diversas vezes visto como a principal fonte de incentivo ao hábito de ler. Mas no ar fica o questionamento, será que as escolas exercem essa função corretamente ou possuem todas as condições necessárias para promover a leitura de maneira eficaz?

Em alguns casos a escola é o único ambiente em que crianças e jovens têm a oportunidade de ter acesso a materiais primordiais que envolvem a leitura como livros, revistas, cartazes, panfletos, jornais e outros meios que podem facilitar e contribuir com o processo de desenvolvimento de um leitor.

Antes de tudo, é importante a instituição saber mediar a leitura para propiciar aos alunos a verdadeira compreensão do lido. Nesse contexto, o papel da escola é bastante comprometedor, podendo ela tanto formar um leitor crítico e livre de preceitos ideológicos, como também pode conduzi-lo à alienação, prendendo-o à ideologia dominante. É preciso levar em conta que muitas escolas enfrentam problemas estruturais que interferem negativamente no incentivo a prática da leitura, como a falta de uma biblioteca, falta de pessoas capacitadas para trabalharem nesse espaço, ou até mesmo a falta de livros, sobretudo os literários. Todas essas dificuldades ficam em maior evidência se considerarmos que a população do país conta com poucos espaços públicos de qualidade para o desenvolvimento de práticas leitoras.

Ao analisar o histórico de leitores do Brasil não é difícil perceber que o incentivo a prática da leitura por meio da escola, não ultrapassa os limites impostos pelo livro didático, onde a leitura quase sempre é vista como sinônimo de alfabetização. Diversas vezes é imposta ao aluno a leitura de um texto com uma linguagem nunca vista antes e contexto completamente desconhecido. O mesmo se aplica as temidas e intimidadoras fichas de leitura, muito presentes na escola tradicional, o contato do aluno com o texto se dá da pior forma possível, em geral são dezenas de páginas de difícil vocabulário com tempo escasso para serem lidas com um único objetivo: obtenção de notas. Consequentemente, para o leitor a leitura se transforma em algo ocioso, chato, uma mera obrigação que o provoca desânimo, decepção consigo mesmo e desafeto pelo conhecimento.

A escola como agente mediadora no processo de formação leitora deve assumir ações e posturas pedagógicas que enfatizem que a leitura é construção de sentido e não apenas critério de alfabetização por meio da

decodificação de palavras, a instituição deve assumir papel libertador que incentive o pensamento crítico.

O professor é peça chave como mediador desse processo de formar leitores, não há dúvidas de que “a leitura é a arma mais relevante do professor, seja ele de Literatura, seja ele de Matemática, de Biologia, de História” (PINA, 2012, p. 217) É importante enfatizar que todo professor independente de sua área de atuação é um agente de letramento que possibilita ao aluno a compreensão do objeto estudado, de modo que a compreensão leitora se aplica as diversas áreas dos saberes, tanto escolares quanto da vida cotidiana. São infinitas as possibilidades, que vão desde operações matemáticas, a paisagens, microrganismos, história, poemas, objetos, tudo pode ser lido e interpretado e novos sentidos podem ser atribuídos a partir daí.

Para a realização da leitura, seja ela com fins acadêmicos, de uma obra literária ou até mesmo a leitura de mundo, o leitor precisa sentir-se instigado com sua percepção aguçada. Cabe ao mediador/professor propiciar ao leitor as provocações necessárias para despertar nele o desejo de dialogar com o texto, de refletir e buscar respostas aprofundadas sobre determinadas questões que vão além do que foi lido. Como escreveu Yunes (2009, p.58),

Ler para quê? Para as provas? Para o vestibular? Para o concurso? Ler para viver. Ler a vida. Ler para ampliaras perspectivas, para associar ideias, para reinventar o mundo, a partir da condição pessoal. De nada adianta “passar de ano”, obter um certificado se não há mudança qualitativa de vida.

Sem sombras de dúvidas, a leitura vai muito além de somente ler a palavra, através dela lemos o mundo a nossa volta. Embora muitas vezes associada a ato político e de cidadania, por si só ela não é capaz de pôr fim às desigualdades sociais, entretanto nos dá a opção de compreender as situações que nos cercam com consciência do nosso lugar na sociedade, nos abre as portas e nos dá possibilidades e autonomia para buscar soluções que levam a verdadeira mudança de nós mesmos como sujeitos e do mundo.

Todavia, vale ressaltar que muitas vezes há dificuldade por parte dos professores para executar e incentivar a prática da leitura na sala de aula, tendo em vista que na realidade de muitas escolas brasileiras, prioriza-se a escrita em detrimento da leitura, e a inclusão do texto na escola muitas vezes

objetiva, principalmente, gramaticalizá-lo. Temos no Brasil um alarmante e crescente número de analfabetismo funcional.

O conceito do termo analfabeto funcional surgiu nos anos 80 por meio de duas questões pertinentes: “o domínio do código não significa que o iniciado tenha efetivamente se apropriado do ato de ler; há pessoas com capacidade de leitura ativa que, no entanto, não leem” (YUNES, 2012, p.355). Em ambos os casos, o analfabeto funcional é aquele que saber ler, entretanto não é capaz de compreender o que foi lido, a assimilação e absorção do conteúdo se dão de maneira inexpressiva, em nada a leitura é capaz de acrescentar á vida de um analfabeto funcional, este não é capaz de estabelecer conexão ou criar sentidos contando que uns dos objetivos primordiais da leitura deve ser formar cidadãos qualificados a ponto de compreender os diferentes textos com os quais interagem.

Um leitor qualificado é aquele que tem capacidade de promover uma interação com o texto, que compreende o que lê além de ler também o que não está escrito. Em outras palavras esse leitor consegue identificar não somente os elementos explícitos no texto, mas também os que se encontram nas entrelinhas, os implícitos, atribuindo-lhes novos sentidos, relacionando o que foi lido com sua realidade para então construir novos significados.

2.2 Histórias em quadrinhos

O ato de construir narrativas se faz presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos, pois, faz parte da necessidade humana buscar meios para se expressar e se comunicar na sociedade em que vive:

Existem praticamente desde o início da história do homem, quando os nossos ancestrais, por meio de desenhos canhestros, contavam graficamente, nas paredes das cavernas em que habitavam, as peripécias de suas caçadas ou refletiam sobre o seu cotidiano (VERGUEIRO, 2005, p. 1).

As linguagens verbal e não verbal consistem em ferramentas cruciais para promover a comunicação entre as pessoas, possibilitando o registro e propagação de diversas narrativas que abarcam um grande público. Tratando-se das palavras, elas constituem o que chamamos de linguagem verbal e

podem ser lidas ou ouvidas. Já as imagens não, pois elas fazem parte da linguagem não verbal e são aprendidas de forma diferente. A imagem quando conjugada com a palavra adquire grande potencial comunicativo, uma pode reforçar o que a outra disse ou até mesmo dizer o que a outra não disse, isso resulta em diferentes efeitos de sentido.

Nessa perspectiva, as HQ são textos que expressam perfeitamente essa relação palavra-imagem. Para Vergueiro (2005, p. 1):

é possível afirmar, em relação a elas, que constituem um meio de comunicação de massa que agrega dois códigos distintos para a transmissão de uma mensagem:

- 1) o linguístico, presente nas palavras utilizadas nos elementos narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons; e
- 2) o pictórico, constituído pela representação de pessoas, objetos, meio ambiente, ideias abstratas e/ou esotéricas etc.

Desta forma, as HQ aliam harmoniosamente o visual ao escrito – imagens e palavras – e, devido a isso, tornaram-se um meio de comunicação de massa com grande circulação no mundo inteiro que caiu no gosto popular

Popularmente conhecidas como gibis, as HQ constituem uma espécie de “arte sequencial”, ou seja, uma sequência em forma artística e literária que se vale da disposição de palavras e imagens para narrar uma história. Ramos define que os quadrinhos são um gênero icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro, com diversos elementos típicos, as HQs apresentam desenhos, quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal. (RAMOS, apud MENDONÇA 2006, p. 5)

A origem das HQ se encontra na civilização europeia, com o aparecimento de técnicas de reprodução gráfica; entretanto, como as conhecemos hoje, surgiram ao final do século XIX, por meio do jornalismo moderno nos Estados Unidos. Parafrazeando Xavier (2017, p.3), havia entre Joseph Pulitzer e William Randolph, proprietários mais poderosos dos principais jornais da época, uma disputa para alcançar maior público e era necessário criar estratégias que atraíssem mais leitores, principalmente os semianalfabetos e os imigrantes que tinham dificuldade com inglês, dentre essas estratégias estavam as narrativas figuradas, que eram publicadas

especialmente aos domingos com tom humorístico, a partir daí, os quadrinhos fizeram tanto sucesso que alavancaram as vendas dos jornais.

Entretanto, como produto de consumo das massas, as HQ eram vistas com maus olhos por uma parcela influente da sociedade letrada, gerando esses preconceitos ideias negativas dominantes na sociedade por décadas, levando grande parte da população a acreditar que as HQ realmente traziam malefícios incalculáveis aos seus leitores. Em 1954, foi publicado nos Estados Unidos um livro intitulado *A sedução dos inocentes*, do psiquiatra Fredric Werthman, que fazia exageradas críticas as HQs reforçando a visão negativa da população. Ele afirmava que a leitura dos quadrinhos causava o emburrecimento dos leitores e o perfil intelectual de quem os lia era semelhante ao de uma criança de 10 anos.

Após isso a sociedade da época tomou medidas drásticas na tentativa de afastar as crianças e adolescentes da leitura dos quadrinhos, dentre elas a queima de exemplares nas escolas e praças, até que então foram elaborados os *códigos de ética* para a publicação de histórias em quadrinhos.

Segundo Vergueiro (2005), os aspectos negativos das HQ sempre foram muito mais enfatizados que os positivos. No Brasil, a partir da década de 1960, surgiram as primeiras pesquisas científicas na área, com bastante resistência por parte das academias que julgavam as HQs com olhar de desqualificação. Segundo Ramos, o jornalista, professor e pesquisador José Marques de Melo era acusado clandestinamente de pesquisar o “lixo cultural” no início dos anos 70, por meio de seus estudos realizados sobre quadrinhos estimulou a criação de uma disciplina específica sobre HQs.

Devido à realização de pesquisas sérias na área, preconceitos desprovidos de comprovação foram perdendo força e com o passar do tempo, as HQs adquiriam maior prestígio ganhando um novo público, num lento processo, os quadrinhos foram conquistando seu espaço e o preconceito foi diminuindo. Eles passaram a ser considerados, então, assim como a Literatura e o Cinema, uma forma de arte moderna.

Surgiram variadas pesquisas acadêmicas sobre as HQs que englobam as mais diversas áreas do conhecimento, como história, sociologia, artes, literatura, educação, alavancando a disponibilidade de informações de qualidade sobre elas.

Os quadrinhos são um tipo de gênero que apresentam uma modalidade própria de linguagem, que conjuga em sua construção dois tipos de signos gráficos: o visual e o linguístico.

Além disso, diversos outros elementos são primordiais para a composição das HQs, como os balões que podem apresentar-se desenhados em diversos formatos para expressar a fala, o pensamento dos personagens, gritos ou até mesmo narração, tudo depende de como está desenhado seu contorno. As vinhetas, que são os próprios quadrinhos, representam a unidade mínima de significação da HQ, exprime o tempo e espaço na construção da história, quando duas vinhetas se articulam podemos dizer que existe uma sequência da narrativa. As onomatopeias, que são responsáveis por imitar um som por meio de uma palavra, acompanhada de recursos visuais, representando ruídos, sons da natureza, canto de animais, etc. A representação dos movimentos e ações dos personagens ao longo da narrativa se dá através dos recursos gráficos geralmente desenhados pelo cartunista.

Tratando das HQ como gênero textual, é conveniente um comparativo entre as formas das quais ela se apresenta, a fim de concluir qual é a mais adequada para veicular determinada informação contida na linguagem verbal. Essas informações podem se apresentar sob três formas: descrição, narração e dissertação.

A descrição na HQ geralmente é mais bem empregada quando utilizada no próprio desenho distribuído através dos quadros, “esta melhor adequação do desenho para a Descrição é bem conhecida do senso comum através da frase “uma imagem vale por mil palavras” (GUIMARÃES, 2001, p.6), além de chamar mais atenção, um desenho rico em detalhes consegue obter maior percepção imediata do que um texto descritivo.

A narração é quesito indispensável na estrutura de uma HQ e pode ser bem-sucedida tanto na linguagem verbal, quanto na não verbal; contudo, é necessário levar em consideração as especificidades de que cada linguagem-

A respeito da dissertação, Guimarães (2001, p.6) sustenta que “uma sequência de desenhos encadeados não é adequada à dissertação”, isso porque a discussão de ideias que se apoia em argumentos providos de prossecução logica requer uma linguagem mais aplicada. Isso não quer dizer que um autor de HQ não pode produzir textos dissertativos e sim que eles

devem incluir a dissertação em seus trabalhos quando objetivam criar histórias voltadas para o lado reflexivo.

Assim, as formas mais propícias para veicular informações por meio escrita na HQ são as que predominam os aspectos da narração e descrição, pois são as que mais favorecem a junção do texto verbal com o não verbal.

O mercado produtor de HQs aparentemente pode parecer bastante simples para aqueles que não possuem tanto conhecimento acerca desse gênero textual, entretanto, é cabível citar que atualmente o número de publicações do gênero é bastante considerável. Seu funcionamento se assemelha ao mercado de produção livreiro tradicional. Consequentemente, estão presente em diversos veículos de comunicação variado formatos de HQs, cada qual com aspectos únicos que influem na sua forma ou conteúdo. Dentre os principais formatos se sobressaem os:

- **gibis** – geralmente destinados ao público infanto-juvenil, bastante populares e com preço acessível – consistem em publicações periódicas portadoras de uma abrangente diversidade de títulos e temáticas podendo ser facilmente encontrados em bancas de jornal. A periodicidade de suas publicações pode ser regular, mensalmente como é mais comum, ou se aplicar a exceções como edições especiais, comemorativas, almanaque dentre outros.

- **álbuns e edições encadernadas** que, ao contrário dos gibis, não possuem periodicidade, sendo publicados em edições únicas, com um custo de publicação mais elevado, devido a sua qualidade e encadernação. O local mais propício a encontrá-los são as livrarias. Os álbuns possuem histórias sem compromisso com a continuidade e com maior qualidade, especula-se que o formato que podem ter vindo a provocar o aumento do *status* das HQ;

- **graphic novels, maxi e minisséries**, “esquema editorial apropriado tanto para uma única publicação (a *graphic novel*) como para uma série limitada (a minissérie, normalmente entre três e seis números, e a maxissérie, que geralmente se situa em torno de 16 números)” (VERGUEIRO, 2005, p.7). Apenas as edições recentes podem ser encontradas em bancas de jornal ao tempo em que as antigas somente o são em livrarias especializadas;

- **quadrinhos em jornais**, “berço das histórias em quadrinhos e uma grande quantidade delas continua a ser publicada neles diária ou semanalmente, numa produção cuja dimensão é difícil de avaliar”

(VERGUEIRO, 2005, p. 7). Devido à fragilidade do material em que são produzidos os jornais há certa dificuldade na preservação desse formato.

• **fanzines**, revista feita por aficionados do gênero, em sai maioria colecionadores ou artistas neófitos: “[...] a própria palavra escolhida para definir essas publicações já define suas principais características, representando a junção de dois termos: fã e magazine.” (VERGUEIRO, 2005, p.7)

• **publicações variadas**, quadrinhos criados para finalidades específicas, com uso destinado a publicidade e propaganda, livro didático, revista, etc.

Todos os formatos citados são portadores de especificidades, são criações demasiadamente diversificadas com o intuito de abranger um público diverso.

2.2.1 Inserção das HQs na educação e suas contribuições para a formação leitora

Ao se tratar da formação do leitor, especialmente no ambiente escolar, o que se espera é que o aluno tenha contato com os mais diversificados gêneros textuais, com o objetivo de desenvolver além das habilidades leitoras, outras capacidades necessárias para sua participação consciente nas práticas de linguagem, verbais e não verbais, nos ambientes convencionais e virtuais. Dentre os muitos gêneros textuais as histórias em quadrinhos só adquiriram o merecido reconhecimento no contexto educacional recentemente, nos dias atuais já podemos notar sua inserção nas salas de aula através de incentivos governamentais como os PCN, LDB, questões em provas de vestibulares e ENEM, livros didáticos ou até mesmo fazendo parte da decoração das paredes das escolas.

Houve uma grande evolução no que se refere a inclusão de HQs em materiais de cunho pedagógico, é valido citar que em tempos remotos a situação era outra, Santos e Vergueiro (2012) sustentam que a relação entre quadrinhos e educação nem sempre foi amigável, passando por momentos de grande hostilidade. O processo de aceitação delas dentro do meio educacional se deu lentamente, tendo em vista que alguns pais e educadores tinham a

visão equivocada de que as HQs eram unicamente meio de lazer e entretenimento, Vergueiro (2005, p. 3) afirma que:

Pais e educadores viam com muita desconfiança a leitura de quadrinhos por parte de seus filhos e alunos, imaginando que isto pudesse prejudicar seu desenvolvimento intelectual ou contribuir para afastá-los de leituras mais nobres.

Historicamente falando, diversas vezes as histórias em quadrinhos foram vistas perante a sociedade como uma sublitteratura, consideradas erroneamente como uma leitura pouco valiosa que como consequência fazia com que seus leitores perdessem o gosto por outras obras, acreditavam que as HQs possuíam linguagem nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de quem as lia.

Outro fato bastante curioso que justifica a desqualificação das HQs perante a sociedade é que em meados da segunda grande guerra, os autores de HQs produziam suas histórias com temas atuais para aquela época, coisas que a sociedade estava vivenciando, como o terror e medo. Tal circunstância contribuiu para que muitos pais e educadores as compreendessem como obras capazes de trazer temas preocupantes aos estudantes, como a disseminação de temas que exploravam a violência dentre muitos outros. O chamado *código de ética dos quadrinhos* que regia a publicação das HQs se baseava em diversas restrições determinando o que podia e não podia vincular nos quadrinhos. Com o passar dos anos o estereótipo negativo dado as HQs mudou, e hoje em dia ficou comprovado que elas são muito mais que somente diversão, são fontes inesgotáveis de cultura e conhecimento, que pode e deve ser utilizadas como suporte metodológico na sala de aula.

Aos poucos, com um árduo trabalho e muito comprometimento por parte dos autores, eles foram conquistando a aceitação da comunidade escolar e vencendo o preconceito que foi lentamente substituído pela valorização e consciência da importante contribuição dessas obras para a formação do leitor. Nesse contexto, estudos na área chamam atenção para o fato de que nas últimas décadas, esse gênero textual tão popular passou a ser visto sob outro ângulo, no qual tem se tornado cada vez mais comum sua presença nos livros didáticos de várias disciplinas. As HQs são capazes de promover a

interdisciplinaridade entre os diversos conteúdos curriculares, além claro, de ser uma grande aliada dos professores ao promover a prática da leitura, o teatro, a música e outras manifestações de artes, desta forma esse rico gênero textual pode ser utilizado de inúmeras maneiras no ambiente escolar, como um potente recurso de incentivo a leitura e um eficiente auxiliar no ensino de diversas disciplinas e atividades pedagógicas.

A estrutura de uma história em quadrinhos é composta basicamente por recursos textuais e discursivos, a fim de explorar estratégias empregadas para estabelecer interação com os leitores através de recursos próprios, como as várias linguagens que são abordadas nas HQs, as cores, formato dos balões, até as expressões faciais dos personagens etc. Tudo isso contribui para mostrar o quanto as HQs são eficientes se exploradas no incentivo à leitura ou até mesmo na transposição de conteúdos didáticos para aquisição do conhecimento, passando a ocupar lugar de destaque com o desenvolvimento das ciências da comunicação.

Caruso e Silveira (2009, p. 219) afirmam que:

Em uma sociedade eminentemente visual, com o predomínio da televisão como mídia de massa, os quadrinhos não devem ser desprezados como uma mídia em favor da educação. Além de a linguagem das HQs ser de fácil compreensão, se comparada à dos livros, seu apelo visual é grande.

Em outras palavras, as HQs permitem uma leitura muito rápida e dinâmica da mensagem a ser transmitida e na sociedade contemporânea a pessoas visam muito os meios que lhe propiciam isso, toda essa objetividade faz com que o entendimento se dê com maior clareza, portanto, são estimulantes num certo sentido, além de ser transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor.

Essa é uma discursão bastante pertinente levando em consideração o fato de que os meios de comunicação são os maiores responsáveis pela propagação ideológica na sociedade, as HQs por se tratar de um meio de comunicação de massa, de baixo custo e facilmente acessível que geralmente agrada grande parte dos leitores, possuem grande parcela de responsabilidade, pois, contém alta carga ideológica, muitas vezes implicitamente, o que faz com que os leitores sem perceber sejam estimulados

e condicionados a adotar padrões de comportamentos e pensamentos que favorecem interesses particulares da classe dominante:

Todo meio de comunicação é utilizado para propagar as intenções dos quem detém o poder; logo, como estão inseridas nos meios de comunicação, as HQs possuem papel importante para tal iniciativa dada sua influência na formação do pensamento político e social, devendo ser vistas como mídia formuladora de valores e conceitos, ou seja, de opiniões. Logo nota-se que esse produto da indústria cultural tem duas finalidades: a primeira é o entretenimento; a segunda, implícita e mais sutil, a propagação de ideologias. (MEIRA, 2016)

Muito se discute no espaço da educação a necessidade de análises e reflexões por parte dos professores e toda gestão escolar sobre as ideologias presentes nas HQs, já que estas vêm ganhando espaço nas aulas, com o intuito de utilizá-las de maneira coerente a estimular o senso crítico dos leitores em formação, lembrando que todas as influências recebidas são fatores formadores de caráter e opinião. Vale reforçar que a linguagem é um fator de bastante relevância e que desempenha uma influência significativa na concepção das HQs, e, por possuir estreita relação com a ideologia podemos chegar à conclusão de que a aceitação das ideias pregadas nos quadrinhos é maior, pois o referido gênero possui elementos capazes de prender a atenção dos leitores e persuadir com mais facilidade.

Um grande exemplo dessa propagação ideológica em grandes proporções por meio das HQs é o período da II Guerra Mundial e da Guerra Fria, contextos marcados pela necessidade de os EUA reafirmarem ao mundo sua soberania em relação as demais nações, através da criação de personagens de super heróis em HQs que representavam todas as boas qualidades pertencentes ao país, agregando valores universais como verdade, justiça e lealdade, através de cores, símbolos, gestos e diversas outras mensagens que passavam despercebidas aos olhos do mundo. Não é à toa que tal época ficou conhecida como A Era de Ouro dos Quadrinhos (1938-1955).

No Brasil, o surgimento das HQs foi marcado por quadrinhos de cunho humorístico, conhecidos atualmente por cartuns, charges e caricaturas, em meados do século XIX. A primeira HQ nacional que se tem conhecimento foi “As aventuras de Nhô Quim” também conhecida como “Impressões de uma

viagem a corte”: “Publicada pela primeira vez em 30 de janeiro de 1869, na revista ‘Vida Fluminense’ do Rio de Janeiro (Alves, 2001). A data de 30 de janeiro é considerada, por este motivo, o Dia do Quadrinho Nacional”. A obra narra a história do jovem caipira de apenas 20 anos ao visitar a corte portuguesa e possui traços políticos.

Dentre os escritores brasileiros com reconhecimento nacional e internacional até os dias atuais, não se pode deixar de citar grandes nomes como Ziraldo e Maurício de Souza, ambos quadrinistas possuem significativa evidência entre o público infantil com destaque mundial recebendo prêmios importantes e levando HQs originalmente brasileiras para diversos países.

Tratando-se da trajetória das HQs no contexto escolar, o auge do processo de aceitação das histórias em quadrinhos perante o meio educacional no Brasil se deu no ano de 1996 após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que a princípio propôs um pacto entre este produto cultural midiático e a educação formal, baseando se na necessidade de inserção de diversificadas linguagens e manifestações artísticas nos ensinamentos fundamental e básico. Foi aí que a comunidade escolar percebeu a relevância de ensinar competências pautadas em habilidades que não se restringiam apenas às capacidades de decodificação do conteúdo.

O texto contido na LDB falava-se em “formas contemporâneas de linguagem” para qualificar a prática da leitura bem como os demais processos que envolvem o ensino-aprendizagem. Houve a distribuição de diversas obras literárias às bibliotecas nacionais como incentivo à leitura, dentre elas, as HQs, desta forma, tais diretrizes abriram as portas não apenas para a introdução das histórias em quadrinhos, mas também para diversos outros suportes metodológicos que auxiliariam no processo de ensino, pois, atualmente os PCNs recomendam que para formar leitores eficientes, capazes de distinguir os variados sentidos atribuídos a um texto e ler também o que não está escrito é necessário explorar a extensa diversidade de textos em circulação social, inclusive as HQs.

Percebemos que, por pertencer ao cotidiano da sociedade, as HQs se apresentam como uma potente ferramenta pedagógica para dar início ao processo de incentivo à leitura e formação de indivíduos letrados, esse gênero

textual é um grande aliado do professor por se tratar de uma das mais produtivas formas de expressar abundantes temáticas.

As HQs dispõem de linguagem verbal e não verbal, explícita e implícita, imagética, gerando como consequência uma extensa variedade semiótica e semântica, por isso são bem atrativas. Além de contar na maioria das vezes com uma linguagem de fácil entendimento que proporciona fruição e grande prazer aos leitores, logo, desperta maior desejo de escrever e produzir por incentivo do imaginário e da criatividade adquirida por meio da leitura.

Para Caruso e Silveira (2009), a capacidade que têm as HQs de atrair o leitor jovem está fazendo com que educadores aproveitem cada vez mais esse instrumento utilizando-o como aparato metodológico:

Os quadrinhos e as tirinhas podem ser importante instrumento capaz de motivar o aluno para a leitura e para os estudos, contribuindo com o desenvolvimento da própria linguagem, do poder de síntese, da criatividade e de conceitos importantes (CARUSO; SILVEIRA, 2009, p. 233).

Entretanto, Santos e Vergueiro (2012, p. 84), fazem um apontamento de grande importância em relação ao uso dos quadrinhos na sala de aula:

A utilização dos quadrinhos na educação ainda necessita de reflexões que subsidiem práticas adequadas e levem resultados concretos em relação ao aprendizado. Ter álbuns e revistas de quadrinhos disponíveis nas salas de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material por parte dos professores.

Especialmente se levarmos em conta que as HQs são produzidas com diversas finalidades – desde o entretenimento e o lazer até a fins acadêmicos, - ambas podem ser utilizadas como material didático, porém, a primeira exige um cuidado maior por parte dos professores e até mesmo bibliotecários no momento de sua escolha bem como utilização. Para a seleção do material a ser utilizado em sala de aula, considerando a variedade de publicações de HQs no mercado, deve-se considerar os objetivos educacionais a que se pretende alcançar, para a partir daí identificar os materiais adequados considerando fatores relevantes como temática, linguagem utilizada e idade dos estudantes. Portanto se faz necessário conhecer as características, qualidades e

possibilidades ao trabalhar com os quadrinhos, é importante também conhecer o seu leitor para a elaboração de atividades didáticas eficazes.

Utilizados corretamente, a linguagem e os demais componentes dos quadrinhos—só favorecem o ensino. A união de textos e palavras facilitam a compreensão dos conceitos que por ventura viessem a ficar abstratos através do ato de relacionar o conhecimento ali adquiridos com conhecimentos prévios. As contribuições das histórias em quadrinhos no âmbito educacional vão muito além de somente incentivar a leitura, deve-se buscar como objetivo formar alunos, leitores críticos, questionadores, formadores de opinião através de leituras muito bem selecionadas para despertar essas qualidades. Sabemos que a escola é uma grande responsável no aumento expressivo dos números de leitores de uma sociedade, valendo-se de medidores competentes e bem formados acompanhados de estratégias e recursos eficientes.

Se usadas corretamente histórias em quadrinhos são capazes de oferecer benefícios incalculáveis, como Santos juntamente com Vergueiro reforçam. Para eles além do incentivo à leitura as HQs possibilitam o aprendizado de línguas estrangeiras, a instigação ao debate e à reflexão sobre determinado tema, ou mesmo a realização de atividades lúdicas, como a dramatização a partir de uma história em quadrinhos, para êxito nessas tarefas se faz necessário competência leitora por parte do leitor para que ele não seja apenas um decodificador da língua, entendendo os efeitos de sentido contidos no texto, através dos signos verbal e visual.

Desta forma percebemos que as HQs por fazerem parte o cotidiano da sociedade deve ser consideradas excelente recurso pedagógico, grande aliado a formação de indivíduos letrados, sendo assim a escola não deve jamais se destituir de tal responsabilidade. As HQs, uma vez que estão presentes nas mais diversas mídias se tornando de fácil acesso, podendo facilmente ser encontradas em livros, jornais, revistas dentre outros, propiciam uma aprendizagem significativa, mais produtiva e relevante para a construção do conhecimento dos alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para análise do referido objeto de pesquisa, elaborou-se um questionário base, com o objetivo de coletar informações relevantes acerca da utilização das HQs utilizadas como material pedagógico. O questionário foi respondido por 5 professores atuantes no ensino MEDIO e FUNDAMENTAL de escolas PÚBLICAS e PRIVADAS pertencentes ao município de Caetité.

A implantação das HQ no ambiente escolar passou por alguns momentos turbulentos em todo o mundo. Para alguns, as HQ eram culpadas pelo aumento da delinquência entre os jovens e pelo baixo rendimento nas escolas. No Brasil, em meados das décadas de 1950 e 1960 ocorreu o debate sobre este tema, de um lado os que consideravam os quadrinhos nocivos e os que consideravam os quadrinhos instrumentos úteis à educação. Mesmo sofrendo pressões, censuras, campanhas difamatórias, as edições em quadrinhos continuaram sendo publicadas, aumentando sempre a oferta de títulos e tiragem das revistas (GONÇALO JR., 2004).

Alguns autores fizeram com que as publicações de quadrinhos ganhassem mais espaço, estimulando o desenvolvimento de novas histórias e personagens e com o passar do tempo, cada vez mais pesquisadores e educadores reconheceram o seu potencial pedagógico. Maurício de Sousa - com a Turma da Mônica-, e o cartunista Ziraldo - com a Turma do Pererê-, contribuíram bastante para que isso ocorresse, solidificando de vez essa ferramenta de ensino aprendizagem presente em livros didáticos de diferentes componentes curriculares. Em 1997 as publicações passaram por reformas, os quadrinhos ganharam presença no ambiente escolar; foram incluídos como materiais pedagógicos relevantes e participam dos textos prescritos pela política educacional no país. De acordo com os PCNs, as HQs deverão estar inseridas nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Organizadas em diversas linguagens, as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais (BRASIL, 1997).

A importância das HQs é destacada por Vergueiro (2010), afirmando seus benefícios para a utilização em sala de aula:

[...] há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura é muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. VERGUEIRO (2010, p. 21).

Os dados da pesquisa apontam que há ainda um pouco de falta de interesse dos alunos, principalmente dos mais desinteressados, porém, durante a explicação de assuntos através de HQ relacionada com conteúdo, os alunos se interessam um pouco mais.

Alunos mais velhos não demonstram interesse pela leitura de Histórias em Quadrinhos, dessa forma, as mesmas são muito utilizadas apenas nas atividades de Língua Portuguesa, os livros didáticos, inclusive, trazem muitas HQs para o estudo de gramática e interpretação textual.

Santos (2003, p. 10) diz que: “a união de texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra.” E o fato de tornar mais claro e tirar até mesmo ambiguidade, como Santos (2003, p. 10) diz, isso facilita também para o uso de ensinamento de línguas estrangeiras, pois pode transmitir em imagens algum termo de outra língua que pode ser confuso para quem esteja começando a aprender.

Sobre a utilização de quadrinhos em sala de aula a pesquisa constatou que estes podem ser usados para explicar conteúdos buscando ampliar a possibilidade de aprendizagem. Através deste recurso que possui imagens e linguagem agradável um determinado tema pode se tornar de mais fácil compreensão para o aluno. Em Língua Portuguesa essa estratégia ajuda a quebrar o estigma de matéria complicada, cheia de regras e difícil de aprender. A abordagem mais lúdica pode facilitar a construção de uma aprendizagem significativa por meio da linguagem verbal e não-verbal que ajudam muito no processo, entretanto, este recurso é pouco utilizado desta forma.

Em pesquisa realizada por Silvério e Rezende (2013) com docentes de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental acerca da utilização das HQs como material pedagógico foi revelado que as HQs são um recurso importante para os educandos no processo de ler e desenvolver as habilidades leitoras e, neste sentido, ressaltam que “o gênero discursivo HQs, muito mais do que páginas multicoloridas e humorísticas, propõe leituras que exploram signos diversificados, contribuindo para que o aluno possa ampliar e aprofundar aquilo que lê, ou seja, dar sentido à leitura” (SILVERIO E REZENDE 2013, p.232).

As HQ ou as tirinhas estão muito presentes em avaliações, fazem o papel de contextualizar os enunciados para que o aluno mostre o resultado do que aprendeu.

Como ferramenta de incentivo à leitura, as HQs também são boas opções. A união de texto, desenhos e outros elementos são capazes de atrair a atenção e despertar um maior interesse dos alunos, funciona como uma porta de entrada para o mundo dos livros, o trabalho precisa ser cuidadoso, para que de fato desenvolvam gosto pela leitura no geral, pois, um livro com imagem é mais legal que um livro que só tem palavras.

De acordo com Palhares (2010, p. 9-10)

A interpretação do não verbal, assim como do verbal, pressupõe a relação com a cultura, com o histórico, com a formação social do sujeito intérprete. Nesse sentido, na história em quadrinhos são veiculadas duas mensagens: uma icônica ou visual e outra linguística, que se relacionam, constituindo uma mensagem global. A mensagem icônica e verbal nos quadrinhos não se exclui, mas interagem, combinando de tal forma a ponto de permitir novas possibilidades de encaminhamento e de recepção da mensagem.

Desta forma, as HQs se constituem como um instrumento de grande potencial na construção do conhecimento, conforme destacado por Silvério e Rezende (2013, p.231): a exploração didática bem planejada pelo profissional docente no trabalho com a leitura por meio da linguagem verbal atrelada à linguagem não verbal presente no gênero HQs possibilita o uso desses materiais nas salas de aula, com vistas à formação do leitor competente, conforme é desejável e esperado.

Como atividade lúdica, a criação de quadrinhos é bem interessante também, foi relatado que já foram realizadas oficinas de produção textual com

foco nas HQs, dessa forma a escrita também é incentivada e levam os alunos a se expressarem levando em conta que,

diz respeito às [...]situações de ensino e aprendizagem por natureza abertas e dinâmicas, o que se revela essencial no caso da escola pública – instituição que acolhe indivíduos oriundos dos meios populares cuja cultura precisa ser valorizada para que se entabulem as necessárias articulações entre os saberes populares e os saberes científicos ensinados na escola. (MOITA; ANDRADE, 2006, p. 11).

Diante disto, os quadrinhos constituem uma excelente ferramenta de aprendizagem múltipla, possibilitando trabalhar conteúdos diversos, leitura e escrita. As HQs podem ser utilizadas para iniciar assuntos e chamar a atenção dos alunos como forma de humor na aula, as tirinhas são perfeitas para isso, podem levar a reflexão de fatos do cotidiano e também serve como ferramenta de produção, já que pode ser solicitado uma produção curta sobre determinado tema. Além disso é importante lembrar que apresentar um tema abstrato a partir de um personagem ajuda os alunos a compreenderem os conceitos.

As pesquisas evidenciaram que as HQs por serem uma forma de arte que une texto e imagens contando os mais variados gêneros e estilos são ótimos recursos para a educação. Usando de base o que afirma Silva (1988), podemos analisar que existem diversos benefícios com o uso dos quadrinhos na leitura, por exemplo:

- exercitar a mente;
- proporcionar conhecimento e informação;
- melhorar a habilidade de escrever;
- melhorar a concentração e o foco;
- enriquecer o vocabulário;
- desenvolver a criatividade;
- bom para a memória;
- aumentar a capacidade empática para com os demais;
- entretenimento bom e de custo baixo;
- reduzir o stress.

Bem utilizados, os quadrinhos funcionam como recurso didático-criativo, o que se pode conferir em trabalhos, livros e artigos publicados por estudiosos que se doam às HQs há vários anos e procuram maneiras de

utilizá-las em sala de aula de forma mais inclusiva (BRASIL, p. 96). No ensino de língua portuguesa e literatura é possível trabalhar com as teorias do discurso, gêneros textuais, estudos linguísticos, intertextualidade, tradução, adaptação, entre outros. Existem estudos científicos que demonstram o potencial das HQs, seja como leitura arbitrária ou fonte de pesquisa. (VERGUEIRO, 1998, p. 131-132). Diante disso, a inserção da “ferramenta” HQs nos PCN possibilitou uma extensa utilização das histórias em quadrinhos no meio educacional, os educadores, estudiosos e pesquisadores passaram a ter mais e melhores referências de se fazer um trabalho mais dinâmico e estimulante na formulação de suas aulas. Isso tudo na teoria, na prática as coisas funcionam de forma diferente, tendo em vista que nem todos os alunos ou professores utilizam satisfatoriamente esses recursos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode concluir desta pesquisa é que os quadrinhos proporcionam um momento de lazer prazeroso, ajudam a estimular a criatividade de estudantes e auxiliam no processo de formação leitora. Além disso, os quadrinhos podem ser um importante aliado em sala de aula, tornando as aulas mais divertidas e dinâmicas, contribuindo para a aprendizagem em diferentes modalidades.

Nesse sentido, os professores devem atuar em favor de também desenvolver leitores. Pelos questionários, investigou-se realidade conhecida por parte dos docentes: a importância da leitura e como os quadrinhos contribuem para tal feito. Entretanto, esse recurso pouco é explorado nas salas de aula, dada a falta de interesse de alguns alunos por não terem tido o incentivo desde a infância e, assim, as HQs são mais utilizadas como pré-texto para o ensino de gramática, estando presentes em livros didáticos e enunciado de questões, o que não estimula em nada o gosto pela leitura.

Foi de extrema importância a pesquisa, pois, seja como fonte de informação seja como entretenimento, as HQ têm seu lugar de destaque, e os estudiosos as consideram recursos valiosos para a efetividade da leitura, da aprendizagem e do conhecimento. A informação veiculada pelos quadrinhos se qualifica como um instrumento modificador da consciência do indivíduo, pois possibilita a ele a capacidade de tomar suas próprias decisões, estando consciente de seus direitos e deveres de cidadão, contribuindo para o seu crescimento interior, assim também, para o bem da sociedade a qual convive.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Luciete: A inquietação de ler a leitura. In: PINA, Patrícia Kátia da Costa; RAMOS, Ricardo Tupiniquim (org). **Leitura e interdisciplinaridade: linguagens em múltiplos olhares**. Salvador: EDUNEB, 2012.

BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa – ensino de primeira à quarta série**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: Acesso em: 02.jun. 2022.

BRASIL. Parâmetro Curricular Nacional: ensino médio. São Paulo: MEC, 1998.

CARUSO, Francisco; SILVEIRA, Cristina. **Quadrinhos para a cidadania. História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v.16, n.1, p. 217-236, jan/mar. 2009.

GONÇALO JR. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933 – 64**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

GUIMARÃES, Edgard. Histórias em quadrinhos como instrumento educacional. INTERCOM. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, 2001. **Anais do...** Campo Grande: Intercom, 2001.

MOITA, F. M. G. S. C; ANDRADE, F. C. B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, v. 29, p.16, 2006.

PALHARES. M. C. História em quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de História. 2010. 11 Disponível em: Acessado em 14 de junho 2022.

PINA, Patrícia Kátia da Costa; PAVÃO, João Bosco; MATTA, da Jana Maruska Buuda; et al. “Leitura: múltiplos olhares”. In: PINA, Patrícia Kátia da Costa; RAMOS, Ricardo Tupiniquim (Org). **Leitura e interdisciplinaridade: linguagens em múltiplos olhares**. Salvador: EDUNEB, 2012.

RAMOS, Paulo Eduardo. Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudo. **Estudos linguísticos**, São Paulo, n. 35, p. 1574–1583, 2006.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **Eccos: revista científica**, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan/abr. 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar**. Série Idéias, v. 5, 1988.

SILVA, José Aroldo da. Discutindo sobre leitura. **Letras escreve: Revista de Estudos Linguísticos**, Macapá, v. 1, n. 1, jan/jun. 2011.

SILVÉRIO, L. B. R.; REZENDE, L. A. O Valor Pedagógico das Histórias em Quadrinhos no Percurso do Docente de Língua Portuguesa. In: JORNADA DE DIDÁTICA - O ENSINO COMO FOCO e I FÓRUM DE PROFESSORES DE DIDÁTICA DO ESTADO DO PARANÁ, 1., 2012, Londrina. Anais... Londrina: UEL, 2013, p. 217 - 234.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos e serviço de informação: um relacionamento em fase de definição. **Revista de ciência da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, abr/2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. "A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária". In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4e. São Paulo: Contexto, 2010.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo visualidade. **Darandina**: revista eletrônica, Juiz de Fora, , v.10, n.2, 2017.

YUNES, Eliana Madureira. "Leituras partilhadas, leitores multiplicados". In: PINA, Patrícia Kátia da Costa; RAMOS, Ricardo Tupiniquim (org). **Leitura e interdisciplinaridade**: linguagens em múltiplos olhares. Salvador: EDUNEB, 2012.

YUNES, Eliana Madureira. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 141-150, 1995.

YUNES, Eliana Madureira. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Aymar. Curitiba, 2009.